

ENTREVISTA COM A PROFESSORA CLÁUDIA FORJAZ
INTERVIEW WITH THE TEACHER CLÁUDIA FORJAZ
ENTREVISTA CON LA PROFESORA CLÀUDIA FORJAZ

Rosa Malena Carvalho¹
Alexandre Palma²

Resumo: Seguindo as diretrizes da Revista Fluminense de Educação Física, a equipe editorial desse jovem periódico – lançado em dezembro de 2020 - organizou entrevista que traz expoente pesquisadora na temática publicada. A Professora Cláudia Forjaz é docente na Universidade de São Paulo (USP), com formação inicial e continuada em Educação Física, coordenadora adjunta da Área 21 da CAPES, com vasta experiência em diversas ações acadêmicas. A entrevista revelou contribuições para pensar o tema em diálogo com o contexto, a pós-graduação e as publicações em educação física.

Palavras-chave: Educação Física. Saúde. Epidemia por Novo Coronavírus. Pós-Graduação.

Abstract: Following the guidelines of the Fluminense Journal of Physical Education, the editorial team of this young journal - launched in December 2020 - organized an interview that brings researcher exponent in the published theme. Professor Cláudia Forjaz is a professor at the University of São Paulo (USP), with initial and continued training in Physical Education, adjunct coordinator of CAPES Area 21, with extensive experience in various academic activities. The interview revealed contributions to think about the theme in dialogue with the context, postgraduate studies and publications in physical education.

Keywords: Physical Education. Health. New Coronavirus Epidemic. Postgraduate Education.

Resumen: Resumen: Siguiendo las directrices de la Revista Fluminense de Educación Física, el equipo editorial de ese joven periódico - lanzado en diciembre de 2020 - organizó una entrevista que trae exponente investigadora en la temática publicada. La Profesora Cláudia Forjaz es docente en la Universidad de São Paulo (USP), con formación inicial y continua en Educación Física, coordinadora adjunta del Área 21 de la CAPES, con amplia experiencia en diversas acciones académicas. La entrevista reveló contribuciones para pensar el tema en diálogo con el contexto, el posgrado y las publicaciones en educación física.

Palabras clave: Educación Física. Salud. Epidemia por Nuevo Coronavirus. Educación de Posgrado.

¹ Doutora em Educação; com Pós-doutorado pela Universidade de Barcelona; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da UERJ-FFP; professora associada no Instituto de Educação Física da UFF. rosamalena@id.uff.br

² Professor Associado da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/UFRJ); doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/FIOCRUZ). palma_alexandre@yahoo.com.br.

Rosa Malena Carvalho: Professora Cláudia Forjaz, como editora geral da Revista Fluminense de Educação Física, inicio agradecendo sua disponibilidade para conversar conosco. Junto com o Professor Alexandre Palma, que assina o dossiê temático da qual essa entrevista faz parte, lhe damos boas-vindas à essa sala virtual. E a primeira pergunta que lhe fazemos é sobre o contexto, ainda pandêmico pela Covid-19, em momento em que a ciência e a vacina nos dão muitas esperanças, mas, nesse terceiro ano que iniciamos nessas circunstâncias, como avalia os principais impactos da relação direta dessa situação com as pesquisas?

Cláudia Forjaz: acho que essa pergunta pode ser analisada como diferentes olhares. Podemos pensar primeiro em qual foi e é o impacto dessa pandemia nas pesquisas que estavam em andamento. Especialmente para quem trabalha na área de saúde, nós tivemos que interromper coletas ou minimizar coletas durante a pandemia. Então, a precisão com a qual se coletou o dado passou a oscilar, o que impõe um impacto importante nas pesquisas que estavam em andamento.

Uma outra questão na área da saúde que se impôs no período durante a pandemia e, talvez até mais efetivamente agora, é a questão de quais são os efeitos que a covid vai ter no organismo da pessoa. Ou seja, se eu comecei a coletar o dado antes da pandemia, será que a população atual, pós-pandemia, é a mesma de antes da pandemia?

O pesquisador pode até falar, bom eu vou tirar da pesquisa quem teve covid grave e quem teve covid e foi internado. Claro que podemos fazer critérios de exclusão, mas mesmo que o indivíduo não tenha tido nada disso, a doença pode ter consequências no seu organismo que nós nem sabemos. E, mesmo quem não teve covid, ficou durante dois anos parado em casa. A questão, então, é que as pessoas mudaram suas rotinas. Então, os projetos que estavam em andamento vão ser retomados, mas seus resultados terão que levar em consideração uma série de variáveis. Do ponto de vista metodológico, um grupo controle que passou pelas mesmas circunstâncias resolveria essa limitação, mas na área clínica – que é a área que eu trabalho – em que nós temos amostras pequenas, o impacto disso será grande.

O segundo impacto que eu vejo é como é que nós vamos pensar esses critérios de inclusão e exclusão pós-covid e, para isso, a gente ainda não tem resposta, pois

ninguém sabe como é o efeito em longo prazo de quem teve contato com a covid em seus diferentes níveis. Hoje muita gente nem sabe se teve ou não covid.

Outro aspecto que a gente tem que pensar é na educação física, não só em termos de pesquisa, mas em quem está trabalhando na prática, atuando diretamente com as pessoas e, agora, está voltando para as atividades presenciais. Vamos lidar com uma pessoa totalmente diferente daquela que nós deixamos dois anos atrás, mesmo que a gente tenha mantido atividades online. Por exemplo, eu tenho um projeto que a gente faz no Parque da Água Branca, projeto de extensão. Quando teve a covid, a gente obviamente fez o que todo mundo fez. Vamos dar aula no youtube, vamos mandar material pelo whatsapp. Ou seja, todo mundo foi para o remoto numa forma de tentar manter as atividades. E desenvolvemos programas bem legais. Todo o mundo desenvolveu.

Mas uma coisa é o sujeito fazer aquela aula com você, ali ao seu lado. A outra coisa é fazer aquela mesma atividade sozinho em casa. E agora, quando essas pessoas estão voltando, os profissionais têm a tendência de acreditar que isso que se fez durante a pandemia, manteve a condição daquelas pessoas. E não é isso que se tem visto. A questão da sobrecarga ficou extremamente prejudicada. Então, eu já vi, por exemplo, nas últimas semanas, quando os programas estão voltando, pessoas passando mal em aula, ficando tontas. Quer dizer, tendo sintomas, que podem resultar de uma sobrecarga demasiada. Assim, acho que o profissional vai ter que ter um feeling muito grande para decidir essa sobrecarga. Lidaremos com uma nova pessoa e precisamos realmente saber quem é esse novo sujeito.

Talvez, para a pesquisa, aqueles protocolos que a gente fazia e estava acostumado a lidar com determinados resultados, passem a dar algum resultado diferente pós-covid. Acho que esses são aspectos que vão impactar na produção do conhecimento, nos resultados das pesquisas que vamos fazer e que teremos que considerar na discussão dos trabalhos. Vamos ter que pensar muito bem em desenhos experimentais para que não cheguemos à conclusão nenhuma por lapsos metodológicos.

Rosa Malena Carvalho: Perfeito, esses destaques que você fez nos leva para a segunda pergunta, a qual tem a ver com essas consequências, que são várias e não previstas. E podem se relacionar com uma forma de entender a saúde. No Instituto de Educação

Física da UFF, trabalhamos com a concepção da educação para a saúde; da compreensão da saúde coletiva. Então a pergunta vai no sentido da formação do cidadão em geral, quais consequências também você vê nesse contexto da pandemia dessa sociedade que muitas vezes tem opinião para tudo? Quais são os conceitos de saúde que o contexto pandêmico evidenciou na sociedade, de maneira geral?

Cláudia Forjaz: Independente da covid, no meu entender, algo que já vinha acontecendo é todo mundo ter opinião sobre tudo – e acreditar muito mais nisso do que na posição de especialistas. Acho que isso é um problema na sociedade contemporânea, não só no Brasil. As pessoas consultam mais o google do que o especialista. Eu acho que está faltando autocrítica – o que nos leva a afirmar o que é válido, sem ter nenhum conhecimento, sem uma posição embasada cientificamente. Com o especialista, não é opinião, mas uma posição cientificamente embasada.

Identifico que esse é um problema agravado com a covid, pois nos obrigou a ir para o remoto, incluindo pessoas que não tinham ligação com o digital. O que é bastante impactante em todas as áreas. Isso já ocorria, como a ideia de “ah, vou fazer tal exercício porque meu amigo faz e diz que é bom, então eu acho que é bom”. Mas antigamente isso era restrito, pois essa informação não conseguia ser divulgada para milhares de pessoas ao mesmo tempo. Sempre lembro quando eu fiz mestrado e eu ia no HC³, onde eu coletava dados e os médicos falavam que a segunda-feira tinha a consequência do “programa Fantástico”. O que esse programa fazia, era a nossa mídia na época. O Fantástico fazia uma reportagem sobre alguma doença e, no dia seguinte, todo mundo aparecia no HC com sintomas daquela doença. Ela era o “efeito fantástico” da segunda-feira de manhã. Só que agora há uma amplitude muito maior, porque, se por um lado a internet traz facilidades, como essa que nós temos aqui, de fazer uma entrevista em sala virtual, por outro lado, enquanto sociedade, a gente vai ter que começar a aprender a como filtrar a informação que recebe.

Aí, vejo a importância do professor de educação física no ensino fundamental, no ensino médio e assim por diante. Passando as informações da importância do campo com conhecimento científico, um corpo de conhecimento sólido – e cada vez mais sólido. Portanto, a informação tem que se basear em fontes, que sejam fidedignas e não

³ Hospital das Clínicas.

no que o meu vizinho acha ou o que o youtuber do momento resolve colocar na mídia dessa semana em relação ao exercício e a saúde. Mas, vejo também que a sociedade já está caminhando um pouco neste sentido.

Alexandre Palma: Primeiro, é um prazer estar aqui. É uma honra estar com a senhora. Quando toca nessa questão que a Rosa trouxe, você traz essa ideia de verdade que é produzida numa sociedade da informação. Uma rede de informações e, muitas vezes, informações de péssima qualidade. No entanto, há também quem entenda que isso é uma posição política, a qual temos denominado de negacionismo. E há, por exemplo, determinados grupos, não só no Brasil, tentando enfraquecer e desqualificar a universidade e a ciência. E isso parece que é um propósito político. E aí, como você, enquanto pesquisadora e uma pessoa bastante atuante no sistema de avaliação dos cursos de pós-graduação, que representa a pesquisa no Brasil, tem lidado com essas questões ligadas ao negacionismo? Às desqualificações, ao menos tentativas de desqualificação da ciência e da universidade, especialmente a universidade pública? Como faz parte do sistema de avaliação, o que percebe dos impactos, em seu trabalho e de outros colegas?

Cláudia Forjaz: Eu acho que você tocou em um assunto do qual estamos falando muito agora, mas não é de agora. Quer dizer, essa questão de o ensino público ser tão bombardeado. Embora hoje esteja muito evidente pela condução política que vivemos nos últimos anos, mas já vem de um bom tempo. Estou na universidade há quase 30 anos. Ano que vem eu faço 30 anos como professora. Pegando meu tempo de estudante, tenho quase 35 anos dentro da universidade. Quando entrei, a universidade era vista como algo extremamente importante. Demonstrava dedicação, empenho e, vamos dizer, sucesso. Hoje eu vejo, cada vez mais, essa ideia de a universidade não valer tudo isso. Ela já não é mais vista dessa forma.

E quando eu falo dessa forma, isso implica no quê? Que a sociedade também já não entende mais que aquele profissional formado na universidade tem um conhecimento, ou tem uma forma de atuação, mais embasada e mais capaz de resolver os problemas do que o vizinho, que receitou chazinho, em vez do remédio que o médico está receitando. Também tínhamos isso antigamente, o chazinho. Mas quando o

profissional falava, existia um poder por trás daquilo, que era ter o conhecimento. Eu acho que isso ainda existe.

A ideia de que o conhecimento tem que ser mais difundido, acho que é importante. Pois quanto mais pessoas dominarem o conhecimento, teremos uma sociedade melhor. Por outro lado, essa disseminação do conhecimento tem que ser de conhecimento que tenha validade. Sei que conhecimento científico muda com o tempo, eu faço uma pesquisa hoje e o resultado é limitado às minhas condições instrumentais, ao tempo de evolução do assunto pesquisado. O conhecimento não é fixo, mas é embasado. Ele não é em cima de um “achômetro” qualquer. Tem uma metodologia para que se chegue a uma determinada conclusão.

Então, esta questão do reconhecimento da universidade pela sociedade, já vinha se modificando ao longo do tempo e, neste momento, com essa situação que temos hoje no país, está muito ruim. Nós estamos sendo bombardeados o tempo inteiro, mas não é algo que surgiu do dia para a noite. É algo que, para a gente chegar nessa situação, houve espaço para isso dentro da sociedade e, se houve espaço, é porque alguma coisa já não estava indo num sentido tão adequado, para que se possa ver hoje os ataques que à ciência, ao conhecimento.

Por outro lado, vejo que se esses ataques dificultam muito a evolução, eles também podem trazer outro lado, fazendo com que as pessoas comecem a questionar esses ataques. A pandemia, nesse sentido, foi num momento em que, se não houvesse a ciência que a gente tem no Brasil, estaríamos numa situação muito pior, principalmente considerando os empecilhos que o governo federal colocou. Sem essas barreiras, poderíamos estar melhor do que qualquer país no mundo, se tivéssemos a estrutura de saúde que a gente tinha no passado. Teríamos o Instituto Butantan fazendo vacinas em toda a sua área de produção; a Fiocruz etc. Não só montando vacinas, mas produzindo-a desde o início.

Nosso país tinha condições de ser, dentro da pandemia, pioneiro. A CoronaVac poderia ser apontada como a vacina do ano. A pandemia não foi boa, essa pandemia teve todo um lado negativo. Mas teve alguma coisa boa para a ciência, que foi revelar o quanto ela foi importante neste momento. Se não tivéssemos as vacinas, os Institutos, os grupos que fizeram o que fizeram – desde produzir a vacina até fornecerem materiais. Várias universidades, sei os exemplos aqui da USP, dos laboratórios que forneceram os

respiradores para os pacientes covid lá no início da pandemia, emprestaram materiais para hospitais. Então, a universidade teve um papel muito importante e isso a valorizou.

Algumas iniciativas têm falado muito que a universidade tem que levar o conhecimento para a sociedade, pois a universidade se distanciou da sociedade. Muitos editais incentivam a contar para a população o que é que cada pesquisa produziu de conhecimento. Aí, a Cláudia, não a coordenadora da CAPES⁴, a pesquisadora Cláudia, a professora Cláudia faz um vídeo falando de seu projeto e seus resultados. Eu tenho um pouco de medo disso, porque eu acho que uma coisa é você divulgar o conhecimento já consolidado para a população numa linguagem adequada. Isso eu sou totalmente a favor. Outra coisa é falar sobre o conhecimento específico de uma pesquisa que tem muitas limitações que não são entendidas pelo leigo e que não podem ser diretamente aplicados.

Então, temos conhecimentos dentro da área de educação física, por exemplo, a importância da atividade física para o desenvolvimento da criança e a importância do exercício físico, na minha área, para a prevenção de hipertensão, para a diminuição de pressão arterial de quem é hipertenso e assim por diante. Agora, isso é diferente de fazer uma pesquisa no meu laboratório que mostra que o exercício X é melhor do que um Y, naquele grupinho que eu estudei. Isso do ponto de vista científico, publicado numa revista científica, para outros estudarem e replicarem, evoluindo cientificamente, é extremamente relevante. Mas, na hora que eu falo isso para a população, a população entende assim: não vou fazer Y, vou fazer só o X. Mas isso não é verdade, porque esse resultado foi naquela micro população estudada, na minha amostra, com uma série de critérios de inclusão, exclusão, isso e aquilo. Então, tenho um pouco de receio em relação a essa coisa de que tudo que a gente produz no laboratório tem que falar na mídia.

Há pouco tempo, fiz uma pesquisa em que treinamos indivíduos hipertensos de manhã e outro grupo treinou de noite. O grupo que treinou à noite teve queda da pressão arterial e o grupo que treinou de manhã não teve. A imprensa toda veio querendo dizer, então, que hipertensos têm que fazer treinamento à noite? Porém, ainda não dá para dizer isso, porque é preciso entender por que o grupo que treinou a noite caiu e o grupo que treinou de manhã, não caiu. Nós temos hipóteses, mas para testar essas hipóteses,

⁴ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

precisamos de outras pesquisas e assim por diante. Então, tenho um pouco de dúvida nessa coisa de como trazer o conhecimento à sociedade.

Acho que a Academia tem que pensar um pouquinho em qual é a melhor forma de fazer isso. Tem que se aproximar da sociedade, sim. Mas eu não sei se é simplesmente pegando todos os projetos de pesquisa que a gente faz e transformando para uma linguagem do leigo. Primeiro, acho que alguns pesquisadores têm dificuldade de fazer isso. Mas, independentemente disso, acho que o que a gente deve passar para a linguagem do leigo é o conhecimento consolidado ou, pelo menos, mais consolidado. Mas não uma pesquisa de ponta, que está trazendo novas coisas, porque essas novas coisas precisam ser replicadas, precisam ser analisadas com mais cuidado antes de serem aplicadas na sociedade.

Rosa Malena Carvalho: Então, nessa esteira, Cláudia, do que você falou, dessas contradições e tensões que já estavam presentes e, agora, agigantadas, pensando no retorno ao presencial, qual é o impacto disso para os programas; para pensar a saúde coletiva; a saúde como direito do cidadão?

Cláudia Forjaz: Nesse momento, é muito difícil saber qual é o impacto que vai ter. Acho que tem algumas coisas da história que a gente só sabe depois que se passaram vários anos. E mesmo assim, sempre com um olhar enviesado de quem está analisando, mas que não tem muito jeito de a gente fazer diferente. Mas algo que já vejo é que o impacto da pandemia foi muito diferente, de pessoa para pessoa; de local para local; de instituição para instituição, de acordo como cada liderança conduziu. E a mesma coisa vai acontecer agora no retorno.

Pegando o contexto de pós-graduação, houve universidade que fechou totalmente, não permitindo que nada fosse feito. As lideranças tomaram esse posicionamento. Tivemos universidades em que, dentro da própria universidade, cada instituto agiu de um jeito. Tivemos dentro dos institutos, docentes que se sentiram mais à vontade para retornar parcialmente, tomar medidas e outros que não. Tivemos alunos que se adaptaram ao remoto e outros que não. E agora, no retorno, vamos ter todas essas coisas voltando diferentemente. Então, é muito difícil dizer qual é o impacto que isso vai ter. A gente sabe de algumas coisas. O número de alunos se inscrevendo para os

processos seletivos foi muito menor e o número de professores que queriam orientar alunos foi muito menor, claro. Como é que eu vou orientar, se eu não sei nem se vou ter meu laboratório para coletar dados daqui a duas semanas. Então, como é que eu vou elaborar uma pesquisa tendo de planejar o meu ensino remoto na graduação? Quer dizer que vai ter impacto, com certeza.

A gente não espera um impacto tão grande sobre a avaliação do que foi produzido em 2020. Por quê? Do ponto de vista da pesquisa – não estou dizendo do ponto de vista pessoal ou da sociedade –, mas, para alguns pesquisadores, aquele foi o momento em que os dados que estavam na gaveta, que não conseguíamos tempo para olhar com calma; já que estava em casa sem coletar dados, havia tempo para rever esses dados e escrever. Em termos de aluno, os alunos tinham entrado no começo do ano nos programas de pós-graduação. Eles podem não ter conseguido fazer disciplinas, mas eles já tinham passado pelo processo seletivo. Então, do ponto de vista da pós-graduação, a nossa expectativa para 2020 é não ter muito impacto. É claro que isso está sendo avaliado e a CAPES tem discutido muito e, principalmente os Colégios⁵, estão discutindo essa questão. Exatamente o quanto o impacto é diferente de uma região para outra, de um programa para o outro, de uma instituição para outra. Houve lugares em que faleceram pessoas e outros em que as pessoas tiveram dificuldades, mas que ninguém faleceu. Nós vamos ter que sair de uma situação extrema, hoje tudo tem que ser muito relativizado. Tudo tem que ser visto com um olhar de que não estamos no mesmo momento que antes.

Não posso olhar para a pós-graduação brasileira ou do mundo inteiro ou para a pesquisa com o olhar que eu olhava antes. Tenho que ter um olhar entendendo que estamos num momento totalmente diferente. As situações são muito individualizadas, muito diferentes de um contexto para o outro. Mas, do ponto de vista de quantidade, qualidade, número de alunos, vamos dizer assim, do ponto de vista mais palpável, entendemos que os principais efeitos da pandemia na pós-graduação da pesquisa vão ocorrer em 2021, 2022 e, talvez, 2023, porque o retorno também é outra adaptação.

Alexandre Palma: A pandemia, pelo menos para mim, revelou ou exacerbou a necessidade de nós termos um diálogo maior entre as ciências. Por exemplo, na

⁵ A organização da CAPES, pelos Colégios – ou seja, Colégio de Ciências da Vida, Colégio de Humanidades e Colégio de Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinar.

pandemia morreram muito mais pretos e pobres de covid do que do que brancos e ricos. Isso não é novidade. Hoje, quem trabalha com epidemiologia sabe que isso é uma coisa rotineira, mas acho que foi realçado. Pegando o exemplo que você deu da redução da pressão arterial, por exemplo, nos turnos manhã e noite, será que as condições de vida e trabalho dessas pessoas não poderia explicar alguma coisa nesse sentido? Quer dizer, será que uma conversa entre as áreas das ciências biomédicas e das ciências sociais não poderia esclarecer esse ponto, essa interrogação que você trouxe? Você acha que a partir de agora a gente poderia ter um diálogo maior ou isso não vai afetar em nada?

Claudia Forjaz: Essa necessidade de diálogo vem muito antes da pandemia. A relação entre as áreas precisa acontecer e a gente sabe que não é uma relação fácil. Por quê? Porque a forma de pensar é diferente, porque a linguagem é diferente. Dentro da USP, a gente tem uma área forte de ciência sociocultural e pedagógica, uma área forte de ciência biodinâmica, e essas dificuldades de diálogo datam da década de 80. Não é de agora.

Eu transito um pouco pelas duas áreas, porque eu tenho muito contato com o pessoal das duas áreas, desde a graduação. Mas, como a minha formação é muito na área biológica, meu pensamento é muito nesse sentido. Tive que aprender a ouvir as pessoas da área sociocultural e entender o que elas querem dizer. Eu acho que a primeira coisa que a gente precisa desenvolver para esse diálogo é uma forma de conversar, de se fazer entender. Eu sinto isso na Capes. O Colégio de Humanidades fala, o Colégio de Exatas e Ciências Biológicas não entendem aquilo que está sendo dito ou entendem de outra forma e vice-versa.

Então, para haver diálogo, cada uma das áreas tem que estar disposta, fazer um esforço para entender o outro com a linguagem que o outro tem. Porque, da mesma forma, muito possivelmente o que a gente fala enquanto biológicas também a humanidades interpreta de uma forma diferente. Então, acho que precisamos querer ouvir e ter abertura para entender a linguagem do outro, para que se possa, entendendo o que o outro está falando, divergir naquilo que se tem que divergir e convergir naquilo que se tem que convergir. Agora, são visões muito diferentes e conversar não quer dizer que eu vou querer provar para você que a minha visão é correta, certo? Senão, vou querer resolver o problema daquela área com a minha visão. Ou aquela área vai resolver

aquele conflito com a sua visão e aí, não vai dar certo. Na CAPES, biológicas e exatas ainda conversam mais com os mesmos parâmetros, até porque a biológica usa muito das exatas nas suas análises e assim por diante. Então, há um linguajar mais comum entre essas duas áreas, mas o diálogo com humanidades é um pouco mais difícil dentro das discussões interinstitucionais e dentro das áreas.

Acredito que a ideia é exatamente essa, tentarmos fazer com que isso aconteça, o diálogo. Existem e vejo várias iniciativas nesse sentido. Não é uma coisa que vai acontecer de uma hora para a outra, acho que houve momentos históricos em que as diferenças se acentuaram demasiadamente e as pessoas guardam esse resquício. Mas, se todos fizermos um esforço, passaremos a entender por que o outro faz isso e não tentar impor nossa visão. Essas são coisas que a gente precisaria debater mais, mas debater nesse sentido, debater com mente aberta.

Rosa Malena Carvalho: Direcionando perguntas para sua experiência como parecerista e editora de revista, Cláudia, como avalia, de maneira geral, os periódicos no Brasil, na área da educação física? O que têm trazido para a área pensar?

Cláudia Forjaz: A primeira coisa que um periódico tem que definir é a sua função. Por exemplo, temos um periódico da Sociedade Brasileira de Hipertensão, chamado Revista Brasileira de Hipertensão e definimos que é um periódico para divulgar o conhecimento consolidado para os médicos e profissionais de saúde que lidam com o hipertenso no Brasil. Então, esse não é um periódico que quer ter um elevado índice de impacto, que quer divulgar conhecimento novo. Ele serve para divulgar o conhecimento consolidado no Brasil e aí, ele é em português. Ele tem sua distribuição gratuita para o país inteiro porque interessa que o profissional, que está trabalhando na Liga de Hipertensão, por exemplo no Amazonas, receba um artigo que lhe informe sobre o conhecimento. Essa é a função dele. É o melhor meio de divulgação científica, não para o leigo, mas para o próprio profissional, para mantê-lo atualizado.

Quando a gente pensa nos periódicos para divulgação científica entre pares, então o perfil desses periódicos é trazer o conhecimento para o pesquisador, suscitar novas pesquisas, divulgar o conhecimento inovador que foi produzido para posteriores

pesquisas que vão avançar no conhecimento. Acho preciso pensar um pouco em qual é a ideia dessa divulgação de conhecimento. E, até que ponto é relevante que este conhecimento seja conhecido fora do Brasil? Se é um conhecimento em que temos aplicação relevante para o mundo inteiro, sua divulgação tem que ser feita numa língua que o mundo inteiro possa ler. Hoje em dia, isso tem que ser feito em inglês, porque o inglês é a língua do mundo inteiro. A gente até brinca que fala o bad english, porque nenhum de nós, pesquisadores não nativos de língua inglesa, sabe o bom inglês, então, vai no bad mesmo. Mas tudo bem, todo mundo consegue entender o que a gente está escrevendo. Então, acho que isso se aplica muito bem às áreas biológicas e vejo que os periódicos nacionais, que têm este intuito na área biológica, vão ter que entender que somos periódicos novos e que vamos avançando aos poucos nessa escalada. Então, a gente começa aqui dentro, daqui a pouco a gente vai ter uma indexação internacional. Isso é necessário porque quem está no exterior vai procurar o conhecimento nas bases de dados do exterior.

Podemos fazer todas as críticas que conhecemos de Web of Science, isso e aquilo, às questões comerciais etc., mas o fato é que hoje é nessa base de dados que procuramos o conhecimento. Se eu for fazer uma pesquisa para a minha área de pesquisa, vou olhar no PubMed. Como falo português, olho o Scielo também, mas se eu não falasse português, não olharia. Consultaria apenas o PubMed. Então, na área biológica, essa prática está muito definida e esse papel está claro. E há algumas áreas ligadas ao exercício, que são eminentemente biológicas e que seguiram esse caminho com suas revistas nacionais.

A grande questão que temos é a área de humanidades, que tem uma outra forma de fazer a divulgação do conhecimento, que é muito diferente da forma das ciências biológicas e exatas. Eu entendo isso e acho que tem que ser respeitado. Mas, então, qual é a evolução esperada dessas revistas com foco nas humanidades? E como que este conhecimento fala com o exterior? Falar com o exterior, eu entendo ser importante. Não que a gente vai seguir o que é feito no exterior, mas precisamos conversar com o exterior para ver as experiências, para passar nossas experiências e até para entender os processos de uma forma mais global. Isso funciona aqui, não funciona ali, por quê? Qual a diferença que tem para que uma coisa encaixe aqui ou não encaixe? Até que ponto os países latinos são diferentes, ou não, dos países de origem anglicana num

determinado aspecto? Então, vejo como importante essa questão de conversar com a pesquisa internacional e, o que eu sinto falta dentro das humanidades, é desse caminho. Ou, como se faz este caminho dentro das humanidades? Como é que os periódicos nacionais vão evoluir para chegar a colocar a nossa pesquisa de ponta na área sociocultural e de humanidades dentro de uma perspectiva internacional, dentro de uma perspectiva em que os outros países vejam o que a gente está produzindo, utilizem esse conhecimento e gerem um conhecimento aditivo a partir disso.

Na área das humanidades, me parece que existe uma característica para se fazer isso, mas que oscila. Por exemplo, agora na CAPES, o Colégio de Humanidades está usando o índice H, mas antigamente utilizava as bases de indexação Scielo e as outras. Então, como é que se julga isso em termos de uma graduação de periódicos, que eu acho que é o que está por trás da pergunta. Para as ciências biológicas é muito fácil, as regras atuais estão estabelecidas e está todo mundo relativamente satisfeito com elas. Pode-se questionar um ou outro aspecto, mas em geral está todo mundo satisfeito com isso. Agora, quando a gente chega numa área mista é que a gente passa a ter problemas. Toda vez que você tem que juntar dois indicadores num único conceito, isso causa problemas. Eu acho que essa é a grande questão.

Vejo que é importante nas humanidades, se pensar essa questão da internacionalização, pois isso não está claro dentro das humanidades ou se está claro, a humanidades não consegue passar para a área de biológicas como isto se reflete dentro dos periódicos da humanidade. Aí, as áreas começam a querer criar uma métrica para aplicar na outra, o que não vai dar certo sem entender o processo de cada área. Mas se a métrica não vem? A métrica, não em termos de números, mas de conceito. Se esse conceito não chega de forma a ser entendido, causa grande parte das controvérsias, das coisas que acontecem, das inconsistências que vemos nesta questão dos periódicos. Voltamos novamente à questão da linguagem e de conseguir conversar e se entender.

Rosa Malena Carvalho: Entrando no aspecto da internacionalização, também há uma discussão que questiona só publicar na língua inglesa, no inglês, porque há várias comunidades lusófonas. E que querem publicar em português. Junto com isso, há discussão sobre a chamada “ciência aberta”, do livre acesso às publicações. Como vê essas questões?

Claudia Forjaz: Sobre em que língua publicar, acho que se você escrever em inglês, todo mundo entende, incluindo quem fala português ou quem fala espanhol. A gente até brinca: a pessoa menos inteligente que existe no mundo é o que fala inglês, porque ela não precisa fazer esforço e aprender outra língua. Eu sempre lembro quando fui aos Estados Unidos, saí para jantar com os alunos e o professor de lá que nos recebeu. Pedi desculpas, porque eu sei que meu inglês não é bom. Eles falaram que não sabem outra língua, só inglês. E eu estava falando a deles. Então, como julgar, se não são capazes de falar outra língua? É bem isso. A grande questão da outra língua não é a preferência para o inglês, pois se todo mundo soubesse sânscrito, seria sânscrito. A questão é que se você escreve em inglês, todos podem ler. Então, aquele conhecimento fica mais amplo do que se eu escrevo em português ou espanhol. É simplesmente porque ela é a língua mais divulgada na área científica.

Agora, eu vejo uma dificuldade muito grande para verter um texto da área sociocultural para o inglês. O problema é muito maior do que transcrever um texto de exatas ou de biológicas, porque as diferenças são muito mais tênues, muito mais sutis e, inclusive, muito mais difícil para quem é de uma outra língua entender aquilo da mesma forma. Acho que é mais difícil, mas à medida que isso for evoluindo, acabará criando um inglês científico para essas nuances e aí, todo mundo passa a usar os mesmos termos e, portanto, se entender. Acho que isso já aconteceu na área biológica. Achávamos muito mais difícil escrever em inglês na década de 90 do que hoje. Acho que existe também uma evolução da língua científica inglesa por áreas. A gente, até hoje, na área biológicas, temos dificuldades com termos do inglês para o português. Por exemplo, o clássico “exercise is medicine”. O exercício é medicina? O exercício é remédio? Tem duas traduções para a mesma frase, que impõem, perante o profissional de educação física, posturas totalmente diferentes. Como o exercício é medicina? O exercício é remédio para o tratamento? E quem está administrando esse remédio é profissional de fisioterapia e de educação física? São nuances da língua que são mais difíceis na área sociocultural do que na biológica. Então, não acho que seja fácil escrever em inglês na área de humanidades, mas acho que com a evolução isso acontecerá e permitirá uma divulgação maior do que a gente faz. A outra questão que você colocou, já não lembro mais.

Rosa Malena Carvalho: sobre a ciência aberta.

Claudia Forjaz: Do ponto de vista teórico, é maravilhoso. Eu acho que, sem dúvida, se tudo o que a gente publica ficasse aberto e todo mundo tivesse acesso, isso seria fundamental e muito importante para a ciência. A grande questão é como isso foi, está sendo desenvolvido, pois tudo o que colocamos de novidade vai para um lado, vai para o outro, até a gente achar um meio termo. E, neste momento, o que está acontecendo com a ciência aberta, me parece muito, muito ruim. Em que sentido? Primeiro eu entendo que virou comércio. Então, dando exemplos na minha área. Temos sociedades muito consagradas, que têm revistas de extrema qualidade independente de impacto, que fazem uma boa avaliação com revisão por pares que realmente têm conhecimento sobre o assunto, que têm um processo editorial de alta qualidade. O que essas revistas começaram a fazer? Há uma revista de “segunda linha” da mesma sociedade. Você mandou o artigo para a revista top, mas o editor acha, por algum motivo, que aquilo é muito bom, mas não é top do top. Assim, ele indica publicar nessa revista de segunda linha, que é paga e emite um aceite ou não em menos tempo. O artigo vai ser avaliado também. A sociedade não perdeu qualidade em relação a isso. Mas para publicar, vai ter que pagar. Aí começou a surgir o mercado disso. Eu recebo todos os dias, pelo dois, três periódicos novos me convidando para publicar.

Isso me preocupa bastante. Me preocupa porque acho que para algumas sociedades, que estão tendo dificuldades com outro tipo de financiamento, porque isso está acontecendo, passou a ser a forma de conseguir dinheiro para manter a sociedade. Outras são puramente comerciais. Você tem hoje revistas cobrando 15, 16, 20 e 30.000 reais. Temos o dólar subindo no Brasil, mas, mesmo assim, para uma revista que vai ficar online? Antigamente havia o custo do papel, da impressão, hoje apenas o custo da editoração. Não pagam o parecerista, não pagam o editor, te convidam.

Então, acho importante a ciência aberta. Isso deveria acontecer. Mas, o modus operandi como está, cria uma realidade distorcida e prejuízos. Ao invés de ajudar a ciência, está favorecendo quem tem dinheiro, grupos específicos que estão se beneficiando com isso. E sendo online hoje, a revista publica quantos artigos quiser. Além disso, é muito difícil você dizer que uma revista é predatória ou que ela tem más práticas. Talvez todo o processo poderia ser feito sem alguém ganhar um lucro muito

grande e inadequado. De maneira geral, eu acho que é isso. Não sou contra a ciência aberta. Muito pelo contrário, acho que ela tem que acontecer. Acho que o ideal seria a gente pegar qualquer artigo publicado na internet sem pagar absolutamente nada. E, assim como acho que o pesquisador não deveria ter que pagar para publicar. Mas, para isso, precisaríamos achar uma forma possível para fazer isso, porque o trabalho tem que ser pago por alguém. Existe um custo.

Rosa Malena Carvalho: Então, Cláudia, a pergunta que encerra nossa entrevista é bem aberta e considera o que você falou antes. A gente tem realidades diferentes, tem instituições que fecharam completamente durante o primeiro ano da pandemia e outras não. E identificamos, no cenário nacional, um retorno das universidades ao presencial, sem ser de forma gradual. Então, nesse momento, considerando que está havendo pleno retorno ao presencial, no qual ainda trabalhamos para sair da pandemia, quais sugestões faz à área para a continuidade das pesquisas?

Claudia Forjaz: Eu acho que nós estamos realmente no fim da pandemia. Acredito que a vacinação é o motivo principal de isso ter acontecido em nosso país. Com todos os poréns, temos hoje uma porcentagem da população vacinada extremamente elevada. Então, entendo que esse retorno ao presencial está ocorrendo e vai continuar. Voltar ao presencial, não é voltar ao que a gente era antes. Vejo que todos nós vamos ter que nos readaptar. Agora, mesmo, estou organizando minha disciplina, no presencial, mas eu não quero voltar a ir lá na sala de aula e dar aula só expositiva. Eu vi que tem várias coisas no online que desenvolvi, que são legais. Mas, por outro lado, você tem que ponderar que o aluno vai estar presencial. Como é que ele poderá fazer coisas online? Quer dizer, a gente vai ter aí uma nova readaptação de tudo e ao contexto nacional. Nós estamos num país empobrecido, estamos num país com crise social, financeira extremamente grave, num país que tem uma eleição este ano.

Acho que tudo isso vai ter impacto e o que cada um dos programas tem que decidir o que fazer? Lidar da melhor maneira possível. A única coisa que os programas não podem fazer é, “porque isso está assim, não posso fazer nada”. Como a gente não fez isso no começo da pandemia. Todo mundo teve de ir para o remoto, teve que se virar. Não dá para agora, na volta, a gente fazer a mesma coisa. Vai ter impacto. A gente

vai ter que saber que isso vai ter impacto. Mas não é motivo para que eu não faça nada. Pense em plano A, B, C e D. Essa mudança que aconteceu nos colocou perante situações às quais tivemos que aprender a nos adaptar e a elaborar planejamentos para diferentes situações. Eu acho que a área tem que tentar se adaptar da melhor maneira possível e quando, daqui a alguns anos, tiver que avaliar tudo isso, considerar o contexto em que tudo aconteceu.

Assim como hoje, a gente não pode fazer uma avaliação de programas com a visão que a gente teve em 2017. Quando terminar o próprio próximo quadriênio, a avaliação não poderá ser feita com a mesma visão que temos hoje. Porque o contexto vai ser outro, né? É claro que, do ponto de vista do que se espera da pós-graduação, todos nós sabemos o que cada programa tem que fazer. Tem que formar alunos de boa qualidade, tem que formar mestres e doutores bem qualificados, que tenham condições de entrar para as universidades como docentes bem qualificados, que tenham condições de serem pesquisadores com todas as habilidades que um pesquisador precisa, desde saber elaborar um bom projeto, coletar os seus dados, analisar e transmitir esse conhecimento para a sociedade científica e grupos da sociedade civil. Temos que fazer a produção de conhecimento de qualidade que tenha impacto socioeconômico cultural. E temos que contribuir para a sociedade com as nossas atividades, com as nossas atividades educacionais, científicas, socioculturais, com os nossos programas e inclusive com atividades tecnológicas naqueles programas que têm uma característica de produção tecnológica. Contribuir com políticas públicas de qualidade. O que se espera de um programa de pós-graduação é muito claro e sempre foi. Como é que a gente vai avaliar, em que nível se conseguiu chegar, vai ter que ser considerado em relação ao que foi possível fazer perante as condições presentes, mas pensando sempre em fazer o melhor possível. Eu acho que essa é a coisa importante.

Estamos numa situação difícil. O que dá para fazer nessa situação? Eu acho que na universidade é o que todos nós, ou pelo menos a grande maioria, fez. A gente não sentou e ficou esperando dois anos para ver o que aconteceria durante a pandemia. Cada um de nós se virou da sua forma, considerando as suas limitações e as suas qualidades para responder a esse momento. Agora nós vamos ter que responder a outro momento, no sentido inverso. Esperamos que seja mais fácil nesse momento ou gostaríamos que fosse mais fácil, para a gente não ter aquela incerteza do início da pandemia, quando

nos perguntávamos se iria voltar daqui a uma semana, um mês, três meses ou nunca mais.

Rosa Malena Carvalho: Professora Cláudia Forjaz, reitero nossos agradecimentos. Já deixo o convite para que possamos nos reencontrar, trocando e debatendo na perspectiva aqui mencionada: a de aprendermos a conversar, a dizer mais e melhor o que fazemos, em benefício de uma educação física comprometida com as pessoas e seus contextos.

